

A história do anômalo verbo *ser*, do latim ao português

Rogério Cardoso¹

Resumo: este artigo visa a perscrutar a história do anômalo verbo *ser* a fim de descrever e explicar as suas abundantes irregularidades flexionais, apontando as mudanças pelas quais ele passou desde o latim até o português e buscando, à medida do possível, as causas de cada fenômeno diacrônico. A pesquisa em si está alicerçada tanto na coleta, na exposição e na interpretação indutiva dos dados linguísticos fornecidos pelo *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM), que informa ocorrências do verbo *ser* em todos os tempos e aspectos verbais, quanto em obras proeminentes da Linguística Histórica, da Gramática Histórica e da Filologia, com destaque para Silva (2008; 2013), Bybee (2020) e Coutinho (2011). Contrariamente à crença de que as anomalias linguísticas sejam criações arbitrárias dos gramáticos ou de qualquer outro indivíduo, as irregularidades do verbo *ser* surgiram espontaneamente durante a formação do português e foram repassadas pelos falantes de geração em geração. Para ser preciso, ele herdou muitas irregularidades já fixadas no verbo latino *esse*, que mais tarde se fundiu com outro verbo, *sedēre*, num processo denominado suplementação, fazendo surgirem radicais muito diversos ao longo da sua conjugação, como em: *sou, seja, era, fui, serei, etc.*

Palavras-chave: linguística histórica. latim. português arcaico. verbo

The history of the anomalous verb *ser*, from Latin to Portuguese

Abstract: this article aims to examine the history of the anomalous verb *ser* in order to describe and explain its abundant inflectional irregularities, pointing out the changes it has undergone since Latin until Portuguese and seeking, as far as possible, the causes of each diachronic phenomenon. The research itself is based on the collection, presentation and inductive interpretation of the linguistic data provided by the *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM), which reports occurrences of the verb *ser* in all tenses and verbal aspects, as well as on prominent works on Historical Linguistics, Historical Grammar and Philology, especially Silva (2008; 2013), Bybee (2020) and Coutinho (2011). Unlike the belief that linguistic anomalies are arbitrary creations of grammarians or any other individual, the irregularities of the verb *ser* arose spontaneously during the formation of the Portuguese language and were passed on by speakers from generation to generation. To be precise, it inherited many irregularities already fixed in the Latin verb *esse*, which later merged with another verb, *sedēre*, in a process called supplementation, giving rise to very different roots throughout its conjugation, as in: *sou, seja, era, fui, serei, etc.*

Keywords: historical linguistics. latin. old portuguese. verb.

¹ Doutor em Historiografia Linguística também pela Universidade de São Paulo (2023). Professor substituto de Latim e História da Língua Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4953-6175>. E-mail: rogerackbar@gmail.com.

Introdução

Por que há tantos verbos irregulares em português? Quem decidiu que eles assim o fossem? Esses são questionamentos que muitos alunos do Ensino Básico podem fazer a si próprios e ao professor de língua portuguesa quando se virem obrigados a memorizar, não raro de forma mecânica, as irregularidades flexionais de muitos verbos vernáculos, como *dar*, *ver*, *vir*, *pôr* e seus derivados. Ainda mais emblemático é o caso dos verbos *ser* e *ir*, cujas drásticas e abundantes irregularidades fizeram os gramáticos os reclassificarem como anômalos. O professor que, ao longo de sua formação, não tiver se aprofundado na história do idioma ficará inerte diante desses questionamentos iniciais, sem a possibilidade de fugir a respostas vagas e pouco satisfatórias como “A língua sempre foi assim”, “A língua se desenvolveu desse modo” ou “Foram os gramáticos que convencionaram as regras assim”.

Ora, imputar essas anomalias linguísticas aos gramáticos lusófonos é um erro crasso, uma vez que elas já se haviam fixado na oralidade e na escrita antes mesmo da publicação das primeiras gramáticas. Com efeito, os mais antigos textos portugueses de que se tem notícia datam do fim do século XII (Coutinho, 2011, p. 65, § 88), enquanto a primeira gramática vernácula só veio a lume mais de 300 anos depois, pelas mãos do frade Fernão de Oliveira, em 1536. Mais do que isso: imputá-las aos gramáticos dá a entender, na prática, que eles teriam poderes quase irrestritos sobre a língua, como se esta lhes fosse um experimento de laboratório construído e manipulado ao sabor de seus arbítrios. Entretanto, as tais irregularidades existem desde fases imemoriais das línguas indo-europeias, quando os seus falantes sequer dispunham de um sistema de escrita para documentá-las. Mais tarde, com o advento da Filosofia e das primeiras reflexões sobre a linguagem no Ocidente, os gregos trouxeram à baila a dicotomia *analogia-anomalia*, ao se aperceberem da coexistência harmônica de simetrias e assimetrias em sua própria língua – o que ensejaria o posterior surgimento da Gramática como área autônoma do conhecimento, no século II a.C. (Neves, 2005, p. 103-106). Na realidade, o ofício do gramático de viés normativo consiste em descrever, selecionar e prescrever certas formas linguísticas, em detrimento de outras, tomando como modelo de correção a variante socialmente mais prestigiada da sua língua, na qual costumam existir inúmeras irregularidades já consagradas pelo uso.

Assim, convém voltar aos dois questionamentos introdutórios: por que há tantos verbos irregulares em português? Quem decidiu que eles assim o fossem? Na realidade, os verbos irregulares surgiram de maneira espontânea ao longo da história das línguas, não sendo, pois, uma criação consciente de nenhum gramático ou escritor. O anômalo verbo *ser*, cuja peculiar trajetória ensejou a redação deste texto, já trouxe consigo muitas irregularidades herdadas do verbo latino *esse*, que significava “ser”, “estar” ou “existir”, e, posteriormente, durante a transição do latim ao português, ele se fundiu com outro verbo, *sedēre*², cujo significado etimológico era “estar sentado” ou “estar situado” (Cunha, 2010, p. 590).

Os detalhes do processo constam nas partes e seções subsequentes, assim divididas: 1) *Fundamentação teórica*, em que se apresentam de maneira concisa as definições e os objetos da Linguística Histórica, da Gramática Histórica e da Filologia, bem como os principais fundamentos da mudança linguística; 2) *Metodologia*, em que se apresentam as etapas pelas quais passou a pesquisa para alcançar os seus resultados; 3) *Desenvolvimento*, em que se discorre efetivamente sobre a história do verbo *ser*, do latim ao português, **com ênfase nos seus pormenores flexionais e nas mudanças ocorridas em cada tempo e aspecto verbal**, ao quais se seguem apontamentos sintáticos e semânticos mais breves; 4) *Conclusões*.

Fundamentação teórica

A análise diacrônica do verbo *ser* se encaixa no escopo de, pelo menos, três áreas afins: a Linguística Histórica, a Gramática Histórica e a Filologia.

A Linguística Histórica não raro se confunde com a Linguística Diacrônica, porém Silva (2008, p. 12) sugere distingui-las, alegando que aquela lida amiúde com fatores extralinguísticos, enquanto esta lida amiúde com os intralinguísticos, à maneira dos gerativistas, sem se ater a externalidades históricas, sociais ou culturais. Por trazer eventuais alusões a episódios da Antiguidade ou da Idade Média, a fim de dar incremento às análises, este texto se mostra mais afeito à Linguística Histórica, assim definida pela autora:

² O sinal mácron (̄) sobreposto à vogal *e* indica que esta é longa, enquanto a braquia (̃) sobreposta à vogal *e* indica que esta é breve.

Tradicionalmente, descreve-se a **linguística histórica** como o campo da linguística que trata de **interpretar mudanças** – fônicas, mórnicas, sintáticas e semântico-lexicais – ao longo do tempo histórico, em que uma língua ou família de línguas é utilizada por seus utentes em determinável espaço geográfico e em determinável território, não necessariamente contínuo. (Silva, 2008, p. 8, grifos nossos).

A Gramática Histórica é, na prática, uma área congênere à Linguística Histórica, segundo demonstra a definição de Coutinho:

1. GRAMÁTICA HISTÓRICA é a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo, desde a origem até a época atual.

Da definição logo ressalta que o objeto da Gramática Histórica é muito mais amplo que o da Gramática Expositiva, Descritiva ou Prática.

Com efeito, enquanto esta se ocupa de uma língua no estado atual, aquela, remontando no passado às suas origens, ao seu período de formação, explica-nos **as transformações por que essa mesma língua passou, na sua evolução através do espaço e do tempo**. (Coutinho, 2011, p. 13, § 1, grifos nossos).

Ou seja, o gramático histórico também opera com aquela tradicional divisão temática em Fonética ou Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica e Léxico, todavia ele o faz descrevendo os fatos linguísticos em perspectiva histórica e sem fins normativos.

O termo *Filologia*, por seu turno, já teve acepções muito variadas desde a Antiguidade até os dias atuais, mas a acepção que interessa aos propósitos deste artigo remete aos comparatistas dos séculos XVIII e XIX, conforme a descreve Saussure:

A seguir, apareceu a Filologia. Já em Alexandria havia uma escola “filológica”, mas esse termo se vinculou sobretudo ao movimento criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e que prossegue até nossos dias. **A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições etc.** (...). Se aborda questões linguísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e

explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura. (Saussure, 1914:2012, p. 31, grifos nossos).

De fato, o escopo da Filologia é mais amplo que o das duas áreas anteriores, porém, a despeito dessa diferença, todas elas têm como objetivo, primário ou secundário, **descrever e interpretar as mudanças linguísticas** – razão pela qual este artigo está respaldado em obras vinculadas às três áreas. Afinal, não basta ao estudioso simplesmente apontar ou enumerar as mudanças pelas quais tenha passado a língua ao longo tempo histórico; é necessário buscar as causas desses fenômenos, que podem ser intralinguísticas, extralinguísticas ou ainda uma combinação destas. Conforme se verá adiante, as mudanças por que passou o verbo *ser* se devem essencialmente a rearranjos internos dos dialetos românicos.

A mudança linguística

Bybee (2020, p. 31-48) discorre sobre as principais características do processo de mudança linguística, aqui descritas e exemplificadas de modo conciso.

Em primeiro lugar, **todas as línguas naturais mudam espontânea e ininterruptamente** ao longo do espaço geográfico e do tempo histórico, no que se diferem das ditas línguas artificiais, que foram intencional e meticulosamente criadas pelo ser humano, a exemplo do esperanto³. Ora, como os falantes vivem em sociedades dinâmicas, remodelando seus hábitos, crenças e gostos no decorrer dos séculos, nada mais natural que eles também remodelem os seus meios de expressão, embora, o mais das vezes, o façam sem se aperceberem de que o seu idioma pátrio está mudando.

A falsa impressão de que as línguas sejam realidades estanques se deve a outra característica inerente ao processo: a sua gradualidade. Com efeito, **a mudança linguística ocorre de maneira lenta e gradual**, e não por meio de saltos abruptos, pois, se assim o fosse, surgiriam intransponíveis barreiras comunicativas entre falantes de gerações distintas – o que evidentemente não se comprova numa realidade empírica (Bybee, 2020, p. 33). Todavia, certos fatores externos podem acelerar ou desacelerar o processo. Por exemplo: o inglês passou por

³ O esperanto foi criado pelo linguista polonês Ludwik Zamenhof (1859-1917), sendo hoje a língua artificial mais falada no mundo - o que evidentemente a tornou sujeita a certo grau de variação.

drásticas mudanças no seu léxico a partir da conquista normanda da Bretanha no século XI, devido à qual penetraram muitos itens lexicais do francês e do latim na língua inglesa, apartando-a das línguas germânicas continentais, com as quais ela tem uma origem remota comum. O islandês, que também pertence à família germânica, seguiu um caminho oposto: por ter se mantido isolado em sua ilha no Atlântico Norte, com reduzidos contatos linguísticos, e por haver ainda hoje um esforço consciente dos seus falantes para evitar o uso de termos estrangeiros, o idioma pouco se modificou nos últimos séculos, a ponto de um cidadão islandês hodierno estar ainda apto a ler sagas medievais (Harbert, 2007, p. 23-24).

Na sequência, como bem salienta Silva (2008, p. 8) no trecho transcrito, **a mudança incide sobre todos os níveis linguísticos**: fonético, morfológico, sintático, semântico e lexical. No nível fonético, os sons podem aparecer, desaparecer ou se transformar, conforme exemplificam estes metaplasmos, cuja terminologia descritiva se baseia em Coutinho (2011, p. 142-149): 1) *stella* > *estrela*, em que houve a prótese da vogal [e] ou [i], além da epêntese da consoante [r]; 2) *amāre* > *amar*, em que houve a apócope da vogal [e]; 3) *aqua* > *água*, em que houve a sonorização da consoante surda intervocálica [k] em [g]. No nível morfológico, podem ocorrer inúmeros fenômenos diacrônicos. Substantivos outrora comuns de dois gêneros podem desenvolver uma forma feminina própria, como em *mãa senhor* > *minha senhora*; tempos verbais podem desaparecer, a exemplo do imperativo futuro latino (e.g. *amatōte*, “amai”), enquanto outros podem surgir, a exemplo do futuro do pretérito do indicativo (e.g. *amaria*), considerado uma criação românica (Coutinho, 2011, p. 277, § 529). No nível sintático, a ordem canônica das sentenças pode alterar-se, tal como na transição do latim para o português: *Rex regīnam amat* > *O rei ama a rainha*, em que se observa a mudança do padrão SOV (sujeito, objeto, verbo) para o SVO (sujeito, verbo, objeto). No nível semântico, palavras podem mudar de significado, como o substantivo *armário*, oriundo do latim *armarium*, que designava outrora um móvel onde se guardavam armas, mas que, devido a um fenômeno de generalização semântica, passou a designar um móvel para guardar quaisquer objetos (Cunha, 2010, p. 56). Por último, no nível lexical, palavras podem arcaizar-se e dar lugar a palavras novas, de origem vernácula ou estrangeira. Por exemplo, o substantivo latino *bellum* (“guerra”) caiu em desuso devido a uma provável e incômoda similaridade formal com o adjetivo *bellus* (> *belo*),

ensejando a sua substituição pelo substantivo *guerra* (< *werra*), de origem germânica⁴ (*ibidem*, p. 328).

Por fim, Bybee (2020, p. 47) adverte que **a mudança linguística em si não é necessariamente algo bom ou ruim**, haja vista que ela não melhora nem piora o potencial semiótico da língua, isto é, a sua capacidade de veicular sentidos. Por ser um objeto assaz maleável, ela pode moldar-se às necessidades comunicativas dos seus falantes, não cabendo ao linguista, em seu ofício científico, manifestar preferências pessoais por este ou aquele estágio da língua em estudo, nem por esta ou aquela forma linguística.

Metodologia

O presente artigo está alicerçado na coleta, na exposição e na interpretação indutivas dos dados linguísticos, sem deixar de se respaldar, é claro, em obras proeminentes da Linguística Histórica, da Gramática Histórica, da Filologia ou de áreas afins.

Os dados aqui apresentados provêm de um *corpus* virtual vinculado ao Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, a saber, o *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM)⁵, em cujo acervo constam textos latino-portugueses datáveis entre os séculos IX e XII, além de milhares de textos portugueses medievais e modernos⁶ datáveis entre os séculos XII e XVI, geralmente em versões semidiplomáticas. Afora o seu copioso acervo, o CIPM oferece a linguistas e filólogos o profícuo *Dicionário de Verbos do Português Medieval* (DVPM), que permite ao consulente estudar a fundo os verbos vernáculos constantes no *corpus*, trazendo suas ocorrências em cada tempo verbal e em cada pessoa do discurso (*e.g. son, es, foran, serey, fosse, seendo*) e indicando-lhes os textos fonte. Na sequência, o DVPM oferece também as acepções de cada verbo na fase arcaica do idioma, devidamente demonstradas e exemplificadas em trechos oriundos do próprio *corpus*.

⁴ Eventualmente, as línguas bloqueiam a existência de formas homônimas, privilegiando aquela que for de uso mais frequente ou operando modificações numa delas, para diferenciá-las. Todavia, não se trata de uma lei absoluta uma vez que podem coexistir homônimos perfeitos, como *manga* (parte da roupa) e *manga* (fruta).

⁵ <https://cipm.fcsh.unl.pt/>

⁶ Por “textos modernos”, entenda-se que são textos publicados na Idade Moderna (1453-1789).

A análise do verbo *ser*, neste artigo, consiste numa exposição comparativa e interpretativa dos seus paradigmas flexionais, em cada tempo e aspecto verbal. Por meio de tabelas sinóticas, dispõem-se lado a lado: o verbo latino *esse* (à esquerda), o verbo vernáculo *ser* (ao centro) e o verbo latino *sedēre* (à direita); entre as extremidades e o centro, constam as formas portuguesas arcaicas intermediárias. Exemplo:

Tabela 1 - Infinitivo, gerúndio e particípio do verbo *ser*

verbo <i>esse</i>		formas arcaicas		formas atuais		formas arcaicas		verbo <i>sedēre</i>
<i>esse</i>	>	∅		<i>ser</i>		<i>seer, ser</i>	<	<i>sedēre</i>
∅	>	∅		<i>sendo</i>		<i>seendo, sendo</i>	<	<i>sedendo</i>
∅	>	∅		<i>sido*</i>	<	<i>seudo, sido*</i>		<i>sessum</i>

* Formados por analogia com os particípios regulares da segunda conjugação.

As tabelas trazem ao leitor um olhar panorâmico da formação do verbo *ser*, distinguindo quais de suas formas provieram do verbo *esse* e quais provieram do verbo *sedēre*. Todavia, é imperioso lembrar que não basta ao linguista histórico apontar e enumerar as mudanças linguísticas; é necessário buscar as causas desses fenômenos. Por esse motivo, a cada tabela se seguem inúmeros comentários explicativos, a fim de elucidar as transformações fonéticas de cada vocábulo, a interferência de fenômenos analógicos, as razões por que esta ou aquela forma verbal vingou em detrimento de suas variantes, dentre outras coisas. Ao cabo, constam apontamentos mais breves sobre aspectos sintáticos e semânticos do verbo *ser*.

Desenvolvimento

Como já foi dito, o anômalo verbo *ser* apresenta muitas irregularidades por ser fruto da fusão de dois verbos latinos, assim dicionarizados: *sum, es, esse, fui* (“ser”, “estar”, “existir”) e *sedēo, -es, -ēre, sedi, sessum* (“estar sentado”, “estar situado”). A esse fenômeno de miscelâneas

flexionais e paradigmáticas dá-se o nome de **suplementação**, que ocorre em diversas línguas, incidindo mormente sobre substantivos, adjetivos e verbos. Segundo Bybee:

O termo *suplementação* pode ser usado para se referir a qualquer tipo de irregularidade sincrônica nas formas da raiz de um paradigma, mas seu sentido original era mais restrito: ele se refere a paradigmas cujos membros originalmente vinham de raízes lexicais completamente diferentes. *Ir* se encaixa nessa definição histórica porque, em latim, *ire* ('caminhar', 'andar') era um verbo com seu próprio paradigma flexional, enquanto *vadēre* ('ir', fonte de *vou*, *vai* etc.) era outro verbo, perfeitamente regular. Hoje, porém, as únicas formas possíveis para *ir* no presente são *vou*, *vais*, *vai* etc., enquanto *vadēre* sobrevive apenas em seus derivados *evadir* e *invadir*. Assim, *vou* e *ia* estão numa perfeita relação normal presente/imperfeito, muito embora [sic] suas formas sejam radicalmente diferentes. Trata-se de um paradigma supletivo. (Bybee, 2020, p. 198-199).

A suplementação costuma atuar nos substantivos para distinguir singular e plural. É o caso do par *pessoa / pessoas* em inglês (*person / people*) e em russo (человек / люди; transliterado: *tchelovyék / lyúdi*). Nos adjetivos, costuma distinguir os graus, como em português (*bom, melhor, ótimo*), inglês (*good, better, best*) e em russo (хороший / лучше / лучший; transliterado: *khoróshiy / lútshe / lútshtsiy*). Nos verbos, pode distinguir pessoas, tempos e modos, como no supracitado verbo *ir* em português, oriundo de *ire* e *uadēre*, e no corriqueiro verbo *to be* ("ser", "estar"), formado por dois verbos ingleses antigos: *bēon* e *wesan* (Algeo, 2010, p. 105).

Os fenômenos supletivos ocorrem em variadas famílias linguísticas, mas quase sempre nos mesmos campos semânticos. Segundo Bybee (2020, p. 201), verbos de significação mais geral como *ser*, *ir*, *ver*, *dizer*, *fazer*, *ver*, *dar*, *sentar*, *ter*, *comer* e *morrer*, por terem uma frequência de uso muito elevada, estão mais sujeitos a erosões fonéticas e, por consequência, a irregularidades flexionais e a suplementações. O verbo latino *ire*, por exemplo, formava o presente do indicativo com o pouco expressivo radical *ei-*, que mal se consegue identificar nas formas conjugadas (*eo, is, it, īmus, ītis, eūnt*), razão pela qual foram quase inteiramente substituídas pelas flexões do verbo *uadēre*, cujo radical tem mais robustez fonética (*uado, uadis, uadit, uadīmus, uadītis, uadunt*). O resultado dessa suplementação no presente do indicativo foi que, do verbo *ire*, sobreviveram apenas as formas *imos* (< *imus*) e *ides* (< *itis*), hoje pouco usadas, logo: *eu vou, tu vais, ele vai, nós vamos / imos, vós ides, eles vão*.

Demonstrado e exemplificado o fenômeno da suplementação, convém proceder à análise do verbo *ser*, em cada tempo e aspecto verbal.

Presente do indicativo

No presente do indicativo, todas as flexões pessoais remanescentes provieram diretamente do verbo *esse*, à exceção da segunda pessoa do plural:

Tabela 2 - A formação do presente do indicativo do verbo *ser*

verbo <i>esse</i>		formas arcaicas		formas atuais		formas arcaicas		verbo <i>sedēre</i>
<i>sum</i>	>	<i>sōo, som, so</i>	>	<i>sou</i>		<i>sejo</i>	<	<i>sedēo</i>
<i>es</i>	>	<i>es</i>	>	<i>és</i>		<i>sees</i>	<	<i>sedes</i>
<i>est</i>	>	<i>e, he, est, este</i>	>	<i>é</i>		<i>seé, ssé, see, se</i>	<	<i>sedet</i>
<i>sūmus</i>	>	<i>somos, sumos</i>	>	<i>somos</i>		∅	<	<i>sedēmus</i>
<i>estis</i>	>	∅	>	<i>sois*</i>		<i>seedes, sedes</i>	<	<i>sedētis</i>
<i>sunt</i>	>	<i>som, son, sam, sū</i>	>	<i>são</i>		<i>seen</i>	<	<i>sedent</i>

*Oriundo da forma hipotética **sūtis*, por analogia com *sūmus* e *sunt*.

Sobre as flexões oriundas do verbo *esse*:

Na primeira pessoa do singular, *sum* resultou em muitas variantes, segundo informa o CIPM, das quais convém destacar apenas três: *sōo*, *som* e *so*. A variante dissilábica *sōo* apresenta um *-o* final cujo surgimento não seria explicável por uma transformação fonética regular de *sum*, mas por uma provável influência analógica de outros verbos flexionados na primeira pessoa do singular: *amō*, *devo*, *leio*, *ouço* (Coutinho, 2011, § 605, p. 312). A variante *som* advém do regular abaixamento vocálico do *ū* breve latino em [o], logo *sum* > *som* ou *sō*, a

que se seguiu uma desnasalização para formar a terceira variante citada na tabela: *sõ* > *so*. Segundo Nunes (1956, § 35, p. 294-295), a pronúncia hodierna *sou* pode ter surgido de duas maneiras: 1) com a desnasalização da vogal tônica e a semivocalização da vogal final em *são*, isto é: *são* > *soo* > *sou*; 2) por influência analógica de outros verbos terminados em *-ou* na primeira pessoa do singular, como *estou*, *vou* e *dou*. Aliás, como bem lembra Coutinho (2011, § 605, p. 312, nota 1), o pioneiro gramático quinhentista Fernão de Oliveira, citado na introdução deste artigo, acusa a coexistência de quatro variantes para a primeira pessoa do singular no século XVI: *som*, *são*, *sou*, *so*.

Na segunda pessoa do singular, *es* chegou praticamente inalterado ao português arcaico e ao moderno (*es* > *és*), graças à ampla manutenção do *-s* final no ocidente românico.

Na terceira pessoa do singular, *est* deve ter resultado inicialmente numa forma hipotética **es* por meio da regular apócope das consoantes oclusivas (*est* > **es*), à semelhança do que ocorreu nas demais conjugações: *amat* > *ama*; *uendet* > *vende*, etc. Todavia, esse metaplasmo resultou numa insólita homonímia entre as flexões da segunda e da terceira pessoa singular, de modo que a língua tenha operado, em caráter excepcional, mais uma apócope, a fim de as distinguir: *est* > **es* > *é* (Nunes, 1956, § 35, p. 295). Em castelhano, curiosamente, a solução encontrada para desfazer a homonímia foi substituir a flexão do presente da segunda pessoa (*es*) pela flexão do futuro latino (*eris* > *eres*)⁷, resultando em: *yo soy*, *tu eres*, *él es* (Pidal, 1985, § 116, p. 302). Na sequência, as variantes *est* e *este*, citadas na tabela sinótica, nada mais são do que malogrados latinismos (Nunes, 1956, p. 295, nota 3).

Na primeira pessoa do plural, *sūmus* resultou em duas variantes, *somos* e *sumos*, ambas explicáveis pelo regular abaixamento do *ũ* breve latino em [o]: *sumus* > *somos*.

Na segunda do plural, a forma latina clássica *estis* foi substituída por uma forma vulgar hipotética **sūtis*, resultante da analogia com as outras flexões de plural: *sūmus* e *sunt* (Coutinho, 2011, § 605, p. 312). Depois, com o abaixamento do *ũ* breve em [o], com a sonorização da consoante surda intervocálica [t] em [d] e com o abaixamento do *i* em [e], surgiu a variante *sodes*⁸, sobre a qual incidiram mais tarde a síncope da consoante sonora intervocálica [d] e a semivocalização do [e] em [j], logo: **sūtis* > *sodes* > *soes* > *sois*.

⁷ Verbo *esse* no futuro do presente: *ero*, *eris*, *erit*, *erīmus*, *erītis*, *erunt*.

⁸ Coutinho (2011, § 605, p. 312) cita também a existência da variante arcaica *sondes*, que não aparece nos dados do CIPM.

Na terceira pessoa do plural, *sunt* resultou em inúmeras variantes, embora, segundo os dados do CIPM, as mais frequentes sejam *son*, *som* ou *sõ*, que, na prática, são meras variações gráficas do mesmo vocábulo, pronunciado da seguinte maneira: [ˈsõ]⁹. Como é sabido, houve o abaixamento do *ũ* latino em [o], junto com a apócope da consoante oclusiva [t], resultando nas supraditas variantes: *sunt* > *son*, *som*, *sõ*. Mais tarde, na transição do português arcaico para o moderno, a sílaba final *-on* passou por uma ditongação em *-ão*, logo: *sunt* > *son* > *são*. A propósito, esse mesmo fenômeno ocorreu em vocábulos de outras classes gramaticais, como em: *leonem* > *leone* > *leon* > *leão*; *in tūnc* > *enton* > *então* (Silva, 2013, p. 73-74).

Sobre as flexões oriundas do verbo *sedēre*:

Na primeira pessoa do singular, *sedēo* passou pela regular palatalização de [d] diante da semivogal [j]¹⁰, que resultou em [dʒ], grafado *j*, *i* ou *y*, na fase arcaica: *sedēo* > *sejo* (Silva, 2013, p. 81). Os números do CIPM mostram que as variantes arcaicas oriundas de *sum* eram bem mais frequentes que a oriunda de *sedēo*, razão pela qual esta caiu em desuso.

Nas demais pessoas do discurso, a consoante sonora [d] desapareceu, em vez de palatalizar-se em [dʒ], devido à mudança de ambiente fonético. Seguindo as tendências do consonantismo português, as consoantes sonoras latinas sofreram síncope quando se encontravam em posição intervocálica, logo: *sedes* > *sees*; *sedet* > *see* > *se*; *sedētis* > *seedes*; *sedent* > *seen*. Na terceira pessoa do singular, houve também a crase do hiato homogêneo *ee*, de sorte que *see* > *se*, enquanto, na segunda do plural, houve a regular sonorização da consoante surda intervocálica [t] em [d], além do abaixamento do *i* em [e]: *sedētis* > *seedes*. É digno de nota que não se tenha encontrado no *corpus* do CIPM nenhuma ocorrência da primeira pessoa do plural oriunda de *sedēmus*, de onde deve ter-se originado algo como **seemos*, mediante a síncope da consoante sonora [d]. Não há, a princípio, um motivo aparente para tal lacuna.

Presente do subjuntivo

No presente do subjuntivo, todas as formas remanescentes provieram do verbo *sedēre*:

Tabela 3 - A formação do presente do subjuntivo do verbo *ser*

⁹ No português arcaico, os grafemas *m* e *n* em fim de sílaba já formavam dígrafos nasais, pelo que se pode deduzir que *som* e *son* se pronunciavam [ˈsõ] (Silva, 2013, p. 68-69).

¹⁰ O *ě* breve latino passou a comportar-se como semivogal [j] nesses ambientes fonéticos.

verbo		formas		formas		formas		verbo
<i>esse</i>		arcaicas		atuais		arcaicas		<i>sedēre</i>
<i>sim</i>	>	∅		<i>seja</i>	<	<i>seja, seia, seya</i>	<	<i>sedēam</i>
<i>sīs</i>	>	∅		<i>sejas</i>	<	<i>sejas, seias</i>	<	<i>sedēas</i>
<i>sit</i>	>	∅		<i>seja</i>	<	<i>seja, seia, seya, sea</i>	<	<i>sedēat</i>
<i>sīmus</i>	>	∅		<i>sejamos</i>	<	<i>sejamos, seiamos</i>	<	<i>sedeāmus</i>
<i>sītis</i>	>	∅		<i>sejais</i>	<	<i>sejades, seiades</i>	<	<i>sedeātis</i>
<i>sint</i>	>	∅		<i>sejam</i>	<	<i>sejam, sejaõ, seiã</i>	<	<i>sedēant</i>

As formas subjuntivas clássicas do verbo *esse* não lograram longevidade em português, mui provavelmente por terem terminações um tanto ou quanto incomuns nesse tempo verbal, suscitando a sua suplementação pelas formas subjuntivas de *sedēre*. Nunes (1956, § 35, p. 294, nota 2) lembra inclusive que, num documento latino medieval do ano 773, empregou-se a locução *sedeat excommunicatus* (i.e. “seja excomungado”) onde se esperaria a forma simples *excommunicētur* (i.e. “seja excomungado”) ou a composta *sit excommunicātus* (i.e. “tenha sido excomungado”), consoante as normas do latim clássico. Ou seja, esse dado documental sugere que o presente do subjuntivo de *esse* já estivesse arcaizado em épocas remotas.

As flexões subjuntivas de *sedēre*, por seu turno, desenvolveram-se de acordo com as tendências fonéticas do português. Logo à primeira vista, nota-se a regular palatalização do [d] seguido de semivogal [j], resultando numa consoante africada [dʒ], grafada *j*, *i* ou *y* durante a fase arcaica: *sedēam* > *seja, seia, seya* ['sedʒɐ]; *sedēas* > *sejas, seias*, ['sedʒɐs] etc. Não havendo gramáticas ou tratados que padronizassem a ortografia portuguesa na Idade Média, o uso das letras *j*, *i* ou *y* era, na prática, assistemático, resultando nas múltiplas grafias arroladas na tabela sinótica. Por volta do século XIII, a dita consoante africada [dʒ] teria começado a perder o seu elemento oclusivo inicial, resultando na moderna pós-alveolar [ʒ], portanto: ['sedʒɐ] > ['seʒɐ] (Silva, 2013, p. 87-88). Nas desinências número-pessoais, ocorreram os mesmos metaplasmos já conhecidos. Na terceira pessoa do singular, houve a apócope da

consoante oclusiva [t]: *sedĕat* > *seja*; na segunda do plural, a sonorização da surda intervocálica [t] em [d] e a posterior síncope da consoante sonora [d] resultante, além do abaixamento do *i* latino em [e], seguido da semivocalização deste em [j]: *sedeātis* > *sejades* > *sejaes* > *sejais*; na terceira do plural, houve ainda uma ditongação, segundo evidencia a variante *sejaõ* citada na tabela, logo: ['sedzĕ] > ['sezĕw]. Séculos depois, firmou-se a grafia *sejam*, como é sabido.

Pretérito imperfeito do indicativo

No pretérito imperfeito do indicativo, as flexões oriundas dos dois verbos, *esse* e *sedĕre*, disputaram o mesmo espaço durante a Idade Média, mas, ao cabo, saíram vencedoras aquelas provenientes de *esse*, cuja frequência era bem mais alta:

Tabela 4 - A formação do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *ser*

verbo <i>esse</i>		formas arcaicas		formas atuais		formas arcaicas		verbo <i>sedĕre</i>
<i>eram</i>	>	<i>era</i>	>	<i>era</i>		<i>seia</i>	<	<i>sedĕbam</i>
<i>eras</i>	>	<i>eras</i>	>	<i>eras</i>		∅	<	<i>sedĕbas</i>
<i>erat</i>	>	<i>era</i>	>	<i>era</i>		<i>siia, sedia</i>	<	<i>sedĕbat</i>
<i>erāmus</i>	>	<i>eramos</i>	>	<i>éramos</i>		<i>siiamos</i>	<	<i>sedebāmus</i>
<i>erātis</i>	>	<i>erades, érades</i>	>	<i>éreis</i>		∅	<	<i>sedebātis</i>
<i>erant</i>	>	<i>eran, eram, erã</i>	>	<i>eram</i>		<i>siiam, siian, seyan</i>	<	<i>sedĕbant</i>

As formas imperfectivas de *esse* são bem reconhecíveis, dada a permansividade do radical latino *er-*. Entre uma fase e outra, a única mudança digna de nota foi a sístole do acento tônico na primeira e na segunda pessoa do plural, por influência analógica das demais flexões, cujo acento recai sobre a primeira sílaba: *erāmus* > *éramos*; *erātis* > *érades* > *éraes* > *éreis*.

Na segunda pessoa do plural, houve ainda a assimilação parcial do [v] à semivogal [j], gerando o ditongo [ej]: *éreis*. Afora isso, cabe fazer uma breve menção à apócope do *-m* na primeira pessoa do singular (*eram* > *era*), pois se trata de um fenômeno já atestado nas famosas inscrições pompeianas, que se mantiveram conservadas sob as cinzas vulcânicas após a cataclísmica erupção do Vesúvio em 79 d.C. (Väänänen, 1966, p. 71-77).

As formas imperfectivas de *sedēre* passaram pela síncope da consoante sonora intervocálica [d], pertencente ao radical do próprio verbo, e pela síncope da consoante sonora intervocálica [b], pertencente à desinência modo-temporal *-ba-* do imperfeito do indicativo latino: *sedēbam* > *seía*. A mudança de timbre da vogal tônica (*ē* > *i*) assim se explica: “O *-e-* tônico em hiato com o *a* deu regularmente *-i-* (cf. *mea* > *mia* (arc.).” (Coutinho, 2011, §540, p. 283). Nas outras flexões arroladas na tabela, houve também a assimilação do [e] ao [i] (*ei* > *ii*): *sedēbat* > *seía* > *síia*; *sedebāmus* > **seíamos* > *síiamos*; *sedēbant* > *seían* > *síian*. O CIPM não registra nenhuma ocorrência desse verbo nas segundas pessoas do imperfeito do indicativo, embora possam ser facilmente deduzidas: *siias* e *siiades*

Pretérito perfeito do indicativo

No pretérito perfeito, todas as flexões portuguesas do verbo *ser* provieram do verbo latino *esse*, que também fora fruto de uma suplementação ocorrida em épocas remotas, durante a milenar ramificação do protoindo-europeu em suas diversas famílias linguísticas. De acordo com Said Ali:

O latim *esse*, constituído pelas raízes *es* e *bhu* (*fui*, *fuisti* etc.), e portanto já **simbiótico** antes de constituídos os idiomas românicos, forma em português o presente do conjuntivo tomando ao verbo *seer* (latim *sedere*) as formas *seja*, *seja*, *seja*, etc. (Ali, 1964, § 798, p. 157, grifos nossos).

Algeo (2010, p. 105) corrobora a ocorrência dessa antiga suplementação em latim e acrescenta que a hipotética raiz protoindo-europeia **bheu-* (ou **bhu-*), da qual se teria originado o radical perfectivo de *esse* (**bhu-* > *fu-*), está na origem remota do verbo sânscrito भवति (*bhavati*), que se significa “tornar-se”, e do próprio verbo *to be* (< *bēon*), em inglês. Embora

menos frequentes, também chegaram à fase arcaica as flexões perfectivas oriundas de *sedēre*, segundo aponta a tabela:

Tabela 5 - A formação do pretérito perfeito do indicativo do verbo *ser*

verbo <i>esse</i>		formas arcaicas		formas atuais		formas arcaicas		verbo <i>sedēre</i>
<i>fui</i>	>	<i>fui, fuy, foi</i>	>	<i>fui</i>		<i>sevi</i>	<	<i>sedi</i>
<i>fuīsti</i>	>	<i>foste, fuste, fusti</i>	>	<i>foste</i>		<i>seviste</i>	<	<i>sedīsti</i>
<i>fuit</i>	>	<i>foy, foe, fui</i>	>	<i>foi</i>		<i>seve</i>	<	<i>sedīt</i>
<i>fuīmus</i>	>	<i>fomos</i>	>	<i>fomos</i>		∅	<	<i>sedīmus</i>
<i>fuīstis</i>	>	<i>fostes</i>	>	<i>fostes</i>		∅	<	<i>sedīstis</i>
<i>fuērunt</i>	>	<i>forom, forum, foraō</i>	>	<i>foram</i>		<i>severon</i>	<	<i>sedērunt</i>

No verbo *esse*, o *ũ* breve latino sofreu o regular abaixamento em [o]: *fuī* > *foi*; *fuīsti* > *foste*; *fuit* > *foi*. Porém, na primeira e na terceira pessoa do singular (*eu* e *ele*), os metaplasmos resultaram numa homonímia incomum para o pretérito perfeito do indicativo, de tal maneira que os vocábulos *fui*, *foi* e as respectivas variantes gráficas fossem amiúde confundidos na fase arcaica, segundo comprovam os dados do CIPM. Por esse motivo, a língua literária passou a empregar *fui* em alusão à primeira e *foi* em alusão à terceira, para fins de distinção (Nunes, 1956, § 42, p. 312). Na segunda pessoa do singular, na primeira e na segunda do plural (*tu*, *nós* e *vós*), a vogal *i* subsequente ao radical perfectivo *fu-* caiu em circunstâncias não muito bem esclarecidas, gerando certas formas hipotéticas intermediárias: *fuīsti* > **fūsti* > *foste*; *fuīmus* > **fūmus* > *fomos*; *fuīstis* > **fūstis* > *fostes* (Coutinho, 2011, § 605, p. 312). Devido a uma provável interferência analógica, também caiu o *ē* tônico da terceira pessoa do plural (*eles*), gerando uma forma hipotética análoga às anteriores: *fuērunt* > **fūrunt* > *forom* > *foram* ['forẽw].

No verbo *sedēre*, o esperado seria rever a já descrita síncope da consoante sonora [d] intervocálica, em vez de uma transformação fonética deveras estranha ao consonantismo português, [d] > [v], de que teriam resultado as flexões arroladas na tabela sinótica: *sedī* > *sevi*; *sedisti* > *seviste*, etc. Sobre essa suposta mudança, afirma Nunes (1956):

Possuía a língua arcaica ainda três pretéritos fortes em *-ui*, os quais, como outros, passaram a fracos, eram: *crive*, *sevi* ou *sive*, *valvi*, respectivamente dos verbos *crer*, *ser* e *valer*; os dois primeiros tinham trocado as antigas formas *credidi*, *sedī* por **cre(d)ui*, e **se(d)ui*, adoptando assim na língua vulgar o sufixo *-ui*, que era o mais frequente na 2ª conjugação (Nunes, 1956, § 42, p. 313).

De fato, a terminação *-ŭi* era comum nos pretéritos perfeitos da segunda conjugação latina, a exemplo de *habŭi* (> *houve*) e *tenŭi* (> *tive*), oriundos de *habēre* e *tenēre*. Por esse motivo, Nunes (1956, § 42, p. 313) conjectura uma influência analógica deles sobre o verbo *sedēre*, transmutando a forma perfectiva clássica *sedī* numa forma vulgar hipotética **se(d)ui*, sobre a qual teriam incidido a síncope da consoante sonora intervocálica [d] e a posterior consonantização da semivogal [w] em [v]. Portanto: *sedī* > **sedui* > **seui* > *sevi*, *sive*; *sedisti* > **seduisti* > **seuisti* > *seviste*, etc. Afora essa particularidade no radical do verbo, as desinências número-pessoais sofreram as mesmas alterações fonéticas já descritas em seções anteriores, pelo que não há necessidade de repeti-las aqui nem nas próximas seções. Por último, os dados do CIPM não registram quaisquer variantes nem na primeira tampouco na segunda pessoa do plural, mas Nunes (1956, p. 330) cita a ambas: *sevemos* e *sevestes*.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Por se tratar de um tempo verbal derivado do pretérito perfeito do indicativo, o mais-que-perfeito naturalmente conservou o radical perfectivo *fu-* em todas as pessoas do discurso, conforme demonstra a tabela:

Tabela 6 - A formação do pretérito mais-que-perfeito do indicativo do verbo *ser*

verbo		formas		formas		formas		verbo
<i>esse</i>		arcaicas		atuais		arcaicas		<i>sedēre</i>
<i>fuěram</i>	>	<i>fora</i>	>	<i>fora</i>		∅	<	<i>sedēram</i>
<i>fuěras</i>	>	∅	>	<i>foras</i>		∅	<	<i>sedēras</i>
<i>fuěrat</i>	>	<i>fora, foora</i>	>	<i>fora</i>		<i>severa</i>	<	<i>sedērat</i>
<i>fuerāmus</i>	>	<i>foramos</i>	>	<i>fôramos</i>		∅	<	<i>sederāmus</i>
<i>fuerātis</i>	>	<i>forades</i>	>	<i>fôreis</i>		∅	<	<i>sederātis</i>
<i>fuěrant</i>	>	<i>forã, foram, forom</i>	>	<i>foram</i>		∅	<	<i>sedērant</i>

Os dados do CIPM mostram que o pretérito mais-que-perfeito simples tinha uso pouco frequente na fase arcaica quando comparado aos demais tempos verbais, o que explica as inúmeras lacunas da tabela. Apesar disso, as informações acima são suficientes para deduzir ambos os paradigmas flexionais com relativa precisão: de um lado, *fora, foras, fora, foramos, forades, foran*; de outro, *severa, severas, severa, severamos, severades, severan*.

No verbo *esse*, houve a síncope da vogal *ě* subsequente ao radical supletivo *fu-*, similarmente ao pretérito perfeito, suscitando formas hipotéticas intermediárias e o posterior abaixamento do *ũ* breve em [o]: *fuěram* > **fũram* > *fora* (Coutinho, 2011, § 605, p. 312). À semelhança do que ocorreu no pretérito imperfeito, também houve aqui a sístole do acento tônico na primeira e na segunda pessoa do plural por analogia com o acento das demais pessoas: *fuerāmus* > **fũramus* > *fôramos*; *fuerātis* > **fũrātis* > *forades* > *foraes* > *fôreis*.

No verbo *sedēre*, observa-se o mesmo radical perfectivo *sev-* a que Nunes (1956, § 42, p. 313) atribui origem analógica: *sedi* > **se(d)ui* > **seui* > *sevi, sive* (“fui”). Logo, a flexão de terceira pessoa do singular deve ter assim evolvido: *sedērat* > **se(d)uěrat* > **seuéra* > *severa* (“fora”). Nesse caso, para além da síncope da consoante sonora [d] intervocálica e da consonantização da semivogal [w] em [v], nota-se a diástole do acento tônico numa provável analogia com o acento dos verbos fracos, a exemplo de: *amauěrat* > *amarat* > *amara*. Nos dados do CIPM, consta uma única ocorrência desse verbo no mais-que-perfeito do indicativo.

Pretérito imperfeito do subjuntivo

O pretérito imperfeito do subjuntivo vernáculo proveio do mais-que-perfeito do subjuntivo latino e manteve o já mencionado radical perfectivo *fu-*:

Tabela 7 - A formação do pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *ser*

verbo <i>esse</i>		formas arcaicas		formas atuais		formas arcaicas		verbo <i>sedere</i>
<i>fuīsssem</i>	>	<i>fosse</i>	>	<i>fosse</i>		<i>sevesse</i>	<	<i>sedīsssem</i>
<i>fuīsses</i>	>	<i>fosses</i>	>	<i>fosses</i>		∅	<	<i>sedīsses</i>
<i>fuīssset</i>	>	<i>fosse, fusse</i>	>	<i>fosse</i>		<i>sevesse, sivesse</i>	<	<i>sedīssset</i>
<i>fuissēmus</i>	>	<i>fossemos, fussemos</i>	>	<i>fôssemos</i>		∅	<	<i>sedissēmus</i>
<i>fuissētis</i>	>	<i>fôssedes, fossees,</i>	>	<i>fôsseis</i>		∅	<	<i>sedissētis</i>
<i>fuīssent</i>	>	<i>fossem, fossen</i>	>	<i>fossem</i>		<i>seuessem</i>	<	<i>sedīssent</i>

A exemplo do que ocorreu com o pretérito perfeito de *esse*, a vogal *i* subsequente ao radical *fu-* sofreu síncope, fazendo emergirem formas hipotéticas intermediárias, seguidas pelo regular abaixamento do *ũ* em breve em [o]: *fuīsse* > **fūsse* > *fosse* (Coutinho, 2011, § 605, p. 312). Na primeira e na segunda pessoa do plural, houve a síncope do acento tônico por analogia com o acento das demais pessoas do discurso: *fuissēmus* > **fūssemus* > *fôssemos*; *fuissētis* > **fūssetis* > *fôssedes* > *fossees* > *fôsseis*.

Dentre as flexões provenientes de *sedere*, encontra-se o já descrito radical perfectivo *sev-*, a que Nunes (1956, § 42, p. 313) atribui origem analógica: *sedi* > **se(d)ui* > **seui* > *sevi*, *sive* (“fui”). Com base nessa conjectura, o imperfeito do subjuntivo assim se teria formado: *sedīsssem* > **se(d)uīsssem* > **se(d)uēsse* > **seuēsse* > *sevesse* (“fosse”). Verifica-se aí, para além da síncope [d] e da consonantização da semivogal [w], um inesperado abaixamento do *ī* longo em [e] – inesperado porque, segundo as tendências do vocalismo português, o *ī* breve é que

historicamente sofreu tal abaixamento (e.g. *sĭccum* > *seco*), enquanto o *ī* longo se manteve intacto (e.g. *amīcum* > *amigo*). Coutinho (2011) atribui essa insólita mudança de timbre vocálico a outro fenômeno analógico:

Na segunda e na terceira conjugação [do latim], desenvolveu-se uma terminação **-essem*, **-esses*, **-esset*, etc. com a conservação da vogal temática, a exemplo do que ocorria na primeira e na quarta conjugação. Se ao infinitivo em *-are* correspondia um imperfeito em *-assem*, *-asses*, *-asset*, etc.; ao em *-ire*, um imperfeito em *-issem*, *-isses*, *-isset*, etc.; do mesmo modo, **ao em *-ere* devia corresponder um em **-essem*, **-esses*, **-esset*, etc.** (Coutinho, 2011, § 560, p. 291, grifos nossos).

Ou seja, a mudança de timbre vocálico do tipo *ī* > *e*, verificada no imperfeito do subjuntivo (*sedīssem* > **se(d)uīssem* > **se(d)uēsse* > **seuēsse* > *sevēsse*), não se deve a regras internas do vocalismo latino-português, mas a um processo analógico envolvendo as vogais temáticas das três conjugações portuguesas (*a*, *e*, *i*), que passaram a formar entre si uma espécie de paralelismo vocálico, tal como descreve o insigne filólogo.

Futuro do subjuntivo

O futuro do subjuntivo vernáculo tem origem um tanto ou quanto incerta, mas é provável que tenha vindo da confluência de dois tempos verbais latinos quase idênticos formalmente: o futuro perfeito do indicativo e o pretérito perfeito do subjuntivo (Bassetto, 2010, p. 297-298; Coutinho, 2011, § 525, p. 275). Do ponto de vista formal, eles só se diferenciavam na primeira pessoa do singular: *fuĕro* (“terei sido”) e *fuĕrim* (“tenha sido”). Ou seja, trata-se de mais um tempo verbal com radical perfectivo, conforme demonstra a tabela:

Tabela 8 - A formação do futuro do subjuntivo do verbo *ser*

verbo		formas		formas		formas		verbo
<i>esse</i>		arcaicas		atuais		arcaicas		<i>sedĕre</i>
<i>fuĕro</i>	>	<i>for, fōr</i>	>	<i>for</i>		∅	<	<i>sedĕro</i>

<i>fuēris</i>	>	<i>fores</i>	>	<i>fores</i>	<i>seueres</i>	<	<i>sedēris</i>
<i>fuērit</i>	>	<i>for, fur</i>	>	<i>for</i>	<i>seuer, sever</i>	<	<i>sedērit</i>
<i>fuerīmus</i>	>	<i>formos</i>	>	<i>formos</i>	∅	<	<i>sederīmus</i>
<i>fuerītis</i>	>	<i>fordes</i>	>	<i>fordes</i>	∅	<	<i>sederītis</i>
<i>fuērint</i>	>	<i>forē, forem, foren</i>	>	<i>forem</i>	<i>seuerē, serám</i>	<	<i>sedērint</i>

Na esteira dos outros tempos verbais derivados do perfeito, observa-se, outra vez, tanto a síncope da vogal *ē* subsequente ao radical supletivo *fu-* quanto o abaixamento do *ū* breve em [o]: *fuēro* > **fūro* > **foro* > *for*. No entanto, a queda do *-o* final em **foro* > *for* não se poderia explicar pelas tendências internas do vocalismo português, uma vez que tal vogal costumava subsistir nesse ambiente fonético: *paro* > *paro*; *oro* > *oro*. Huber (1986) assevera a interferência de outro fenômeno analógico:

Chama a atenção a queda do *-o* final na 1ª pessoa do sing. [do futuro do conjuntivo]. Trata-se certamente duma formação analógica, cuja criação foi provavelmente favorecida pelo facto de o perfeito do conjuntivo e o futuro perfeito coincidirem em todas as restantes pessoas. (Huber, 1986, § 389, p. 232).

As similitudes formais entre os dois supracitados tempos latinos, futuro perfeito do indicativo e pretérito perfeito do subjuntivo, teriam induzido os falantes a igualarem as únicas flexões que não eram formalmente idênticas, ou seja, as da primeira pessoa do singular: *fuēro* (“terei sido”) e *fuērim* (“tenha sido”). Com a habitual apócope do *-m*, teriam restado as formas vulgares hipotéticas **fūro* e **fūri*, cuja distinção poderia ter-se apagado com a ocorrência de mais uma apócope: **fūro* > *for* e **fūri* > *for*. Na primeira e na segunda pessoa do plural, houve a síncope do [i] pós-tônico: *fuerīmus* > **fūrīmus* > *formos*; *fuerītis* > **fūrītis* > *fordes*. Com a queda do [i], a consoante sonora [d], presente na desinência pessoal *-des*, deixou de ser intervocálica e por essa razão se manteve intacta em todos os verbos no futuro do subjuntivo.

As flexões oriundas de *sedēre* apresentavam na fase arcaica o mesmo radical perfectivo *sev-*, mencionado e descrito nas seções anteriores. Logo, o futuro do subjuntivo assim se teria

formado: *sedĕrit* > **sed(u)ĕrit* > **seuĕrit* > *seuer* > *sever*. Similarmente ao mais-que-perfeito, houve a esperada síncope da consoante sonora [d] intervocálica, a consonantização da semivogal [w] em [v], além da diástole do acento tônico, devido a uma provável analogia com o acento dos verbos fracos, a exemplo de: *amauĕrit* > *amarit* > *amar*. Dentre os milhares de textos constantes no acervo do CIPM, as flexões oriundas de *sedĕre* somam apenas seis ocorrências no futuro do subjuntivo, enquanto as oriundas do verbo *esse* somam centenas – o que, por si só, explica a persistência destas em detrimento daquelas.

Imperativo afirmativo

As segundas pessoas do imperativo afirmativo provieram diretamente do verbo *sedĕre*:

Tabela 9 - O imperativo afirmativo do verbo *ser*

verbo		Formas		formas		formas		verbo
<i>esse</i>		Arcaicas		atuais		arcaicas		<i>sedĕre</i>
<i>es</i>	>	∅		<i>sê</i>	<	<i>see, ssey</i>	<	<i>sede</i>
<i>este</i>	>	∅		<i>sede</i>	<	<i>seede, sede</i>	<	<i>sedĕte</i>

Conquanto as formas imperativas de segunda pessoa, em regra, provenham do presente do indicativo com o decréscimo do *-s* final (e.g. *ama-amai, vende-vendei, parte-parti*), *sê* e *sede* nada têm a ver com o presente do indicativo do verbo *ser*, de cujas segundas pessoas, *és* e *sois*, teriam resultado respectivamente **é* e **soi*, que são agramaticais e não aparentam ter qualquer carga semântica imperativa. Na realidade, *sê* e *sede* provieram do verbo *sedĕre*, conforme aponta a tabela: *sede* > *see* > *sê*; *sedete* > *seede* > *sede*. Outra vez, observam-se a síncope do [d] intervocálico, a crase do hiato homogêneo *ee* e, no caso do plural (vós), a sonorização do [t] intervocálico em [d]. As demais flexões desse modo verbal (*seja, sejamos, sejam etc.*) vieram do presente do subjuntivo, já descrito anteriormente.

Futuro do presente do indicativo

O antigo futuro do presente latino (e.g. *sedēbo*, *sedēbis*, *sedēbit*, *sedebimus*, *sedebitis*, *sedēbunt*) arcaizou-se antes mesmo da fragmentação do latim e foi substituído por uma perífrase verbal mais expressiva, composta pelo infinitivo e pelas flexões do presente do indicativo de *habēre* (> *haver*), da qual resultou o futuro do presente vernáculo:

Tabela 11 - O futuro do presente do indicativo do verbo *ser*

latim		romance		port. arcaico		port. atual
<i>sedēre + habēo</i>	>	* <i>seder' aio</i>	>	<i>seerei, serei, serey</i>	>	<i>serei</i>
<i>sedēre + habes</i>	>	* <i>seder' ás</i>	>	<i>seerás, serás</i>	>	<i>serás</i>
<i>sedēre + habet</i>	>	* <i>seder' át</i>	>	<i>seerá, será</i>	>	<i>será</i>
<i>sedēre + habēmus</i>	>	* <i>seder' émus</i>	>	<i>seeremos, seremos</i>	>	<i>seremos</i>
<i>sedēre + habētis</i>	>	* <i>seder' étis</i>	>	<i>seeredes, seredes</i>	>	<i>sereis</i>
<i>sedēre + habent</i>	>	* <i>seder' ánt</i>	>	<i>seeron, serán</i>	>	<i>serão</i>

Essa estrutura perifrástica comprova que os pronomes mesoclíticos de hoje eram, outrora, enclíticos ao verbo principal da perífrase: *seer-vos + (h)ei* > *ser-vos-ei*. Portanto, os escritores medievais tinham uma consciência tácita de que o futuro do presente era composto por dois verbos (Coutinho, 2011, § 528, p. 276; Huber, 1986, § 387, p. 229-230).

Devido à alta frequência com que passaram a ser utilizadas, as flexões de *habēre* sofreram erosões fonéticas mais acentuadas e um profundo apagamento semântico, culminando na sua ulterior gramaticalização em meras desinências verbais de futuro. Na primeira pessoa do singular, por exemplo: *habēo* > **haio* > **hai* > *hei*. (Coutinho, 2011, § 596, p. 308). Houve aí a síncope do [b] intervocálico, a semivocalização do [e] em [j], a apócope do [o] e, por último,

o abaixamento de [a] para [e] motivado por uma assimilação parcial da vogal tônica à semivogal [j] seguinte¹¹.

Futuro do pretérito do indicativo

Em latim, o futuro do pretérito sequer existia como propriedade gramatical, pelo que se empregava o imperfeito do subjuntivo tanto na prótase quanto na apódose de um período: *Si amicus meus esses, te adiuuarem* (“Se fosses meu amigo, eu te ajudaria”). Todavia, por volta do século V d.C., emergiu uma perífrase verbal composta pelo infinitivo e pelas flexões imperfectivas do verbo *habēre* (> *haver*), da qual resultou esse tempo verbal românico (Coutinho, 2011, § 529, p. 277; Huber, 1986, § 392, p. 234):

Tabela 12 - O futuro do pretérito do indicativo do verbo *ser*

latim		romance		port. arcaico		port. atual
<i>sedēre + habēbam</i>	>	* <i>seder'éam</i>	>	<i>seria</i>	>	<i>seria</i>
<i>sedēre + habēbas</i>	>	* <i>seder'éas</i>	>	<i>serias</i>	>	<i>serias</i>
<i>sedēre + habēbat</i>	>	* <i>seder'éat</i>	>	<i>seeria, seria</i>	>	<i>seria</i>
<i>sedēre + habebāmus</i>	>	* <i>seder'éamus</i>	>	<i>seeríamos, seríamos</i>	>	<i>seríamos</i>
<i>sedēre + habebātis</i>	>	* <i>seder'éatis</i>	>	<i>seeridades, seridades</i>	>	<i>serieis</i>
<i>sedēre + habēbant</i>	>	* <i>seder'éant</i>	>	<i>seeriam, seriam</i>	>	<i>seriam</i>

Devido à sua alta frequência de uso, as flexões de *habēre* também passaram por drásticas erosões fonéticas e por um apagamento semântico, culminando na sua ulterior

¹¹ Também houve aí a aférese da consoante aspirada [h], que era debilmente pronunciada pelo povo romano. A manutenção da letra *h* inicial no verbo *haver* e nas suas flexões funciona apenas como um vestígio etimológico da antiga aspiração.

gramaticalização em desinências verbais. A primeira pessoa do singular, por exemplo, assim teria evolvido: *habēbam* > **abéam* > **éam* > *-ia*. Inicialmente, teria havido a aférese da consoante aspirada [h], a síncope do segundo [b] por dissimilação e depois a queda de todo o segmento átono *ab-*; na sequência, o *-m* final, já debilmente pronunciado à época, sofreu apócope, enquanto a vogal tônica [e] em hiato foi alçada a [i], à semelhança de *mēa* > *mīa* > *mīa* > *mīna*. Note-se, porém, que as formas simples do verbo *haver* no imperfeito do indicativo sofreram alterações fonéticas menos drásticas: *habēbam* > **(h)abéam* > *havia* (Coutinho, 2011, § 529, p. 277; Huber, 1986, §394, p. 236).

Infinitivo, gerúndio e particípio

Dentre as três formas nominais do verbo *ser*, o infinitivo e o gerúndio provieram do verbo latino *sedēre*, enquanto o particípio surgiu por criação analógica. Veja-se a tabela:

Tabela 10 - Infinitivo, gerúndio e particípio do verbo *ser*

verbo		formas		formas		formas		verbo
<i>esse</i>		arcaicas		atuais		arcaicas		<i>sedēre</i>
<i>esse</i>	>	∅		<i>ser</i>		<i>seer, ser</i>	<	<i>sedēre</i>
∅	>	∅		<i>sendo</i>		<i>seendo, sendo</i>	<	<i>sedendo</i>
∅	>	∅		<i>sido*</i>	<	<i>seudo, sido*</i>		<i>sessum</i>

* Formados por analogia com os particípios regulares da segunda conjugação.

O infinitivo *esse*, devido às suas feições anômalas, foi sobrepujado pelo infinitivo *sedēre*, cuja terminação *-ēre* é mais tipicamente associada a essa forma nominal. Conforme as tendências fonéticas do português, já repetidas à exaustão em parágrafos anteriores, houve a síncope da consoante sonora [d] intervocálica, a apócope da vogal [e] pós-tônica antecedida de [r] e, por fim, a crase do hiato homogêneo *ee*: *sedēre* > *seer* > *ser*. Daqui surgiu uma das mais conhecidas particularidades gramaticais do português, o infinitivo flexionado, que tomou as mesmas desinências número-pessoais do futuro do subjuntivo, com o qual não raro se confunde:

ser, seres, ser, sermos, serdes, serem. Coutinho (2011, § 572, p. 295) propugna que o infinitivo flexionado seja uma continuação histórica do imperfeito do subjuntivo latino, hoje com emprego e significado diferentes, enquanto Maurer Jr. (1968, p. 20-49) o considera uma criação vernácula.

Não havendo um gerúndio latino para o verbo *esse*, restou ao português herdar o gerúndio do verbo *sedēre*, sobre o qual incidiram os mesmos metaplasmos já citados, ou seja, a síncope do [d] intervocálico e a crase do hiato homogêneo *ee*: *sedendo* > *seendo* > *sendo*.

O particípio passado não proveio nem de *esse*, que sequer possuía essa forma nominal em latim, tampouco de *sedēre*, cujo particípio passado *sessum* não poderia ter resultado em *sido*, segundo as tendências fonéticas do português. Na realidade, trata-se de uma formação analógica baseada nos particípios regulares da segunda conjugação, que, na fase arcaica da língua, tomavam a terminação *-udo* (< *-utum*) e, mais tarde, a terminação *-ido* por influência dos verbos da terceira conjugação. Portanto: *seúdo* > *sido*. Aliás, o substantivo *conteúdo* é resquício do antigo particípio passado do verbo *conter* (Coutinho, 2011, § 580, p. 296-297).

Breves apontamentos sobre os aspectos sintáticos e semânticos do verbo *ser*

Como é sabido, o verbo *sum, es, esse, fui* poderia significar “ser”, “estar” ou “existir”. De fato, uma sentença latina como *Homo aeger est* se poderia traduzir de duas maneiras: “O homem é doente” ou “O homem está doente”, uma vez que em latim se empregava o mesmo verbo de ligação para introduzir características essenciais ou transitórias do sujeito. Ele também se usava como transitivo circunstancial para indicar a localização do sujeito ou como intransitivo no sentido de “existir”: *Caesar in Italia est* (“César está na Itália”); *Sunt homines qui...* (“Há homens que...”). No português arcaico, o verbo *seer* ainda podia exercer essas funções hoje associadas aos verbos *estar* e *haver*, afora o papel de verbo auxiliar em perífrases de gerúndio. Exemplos:

- (1) - Sempre me temi d’ele mas ja agora **som seguro** que nunca me dará (*Crônica de d. Pedro* de Fernão Lopes, século XIV, *apud* SILVA, 2013, p. 150, grifos nossos);
- (2) - Almas que **son no outro mundo** (*Diálogos de São Gregório*, século XIV, *apud* SILVA, 2013, p. 151, grifos nossos);

(3) - diz a Sancta Escripura que nõ é huu mayor enemigo ca aquel que dana a boa fama do outro. (Afonso X, Foro Real, século XIII, CIPM, grifos nossos);

(4) - Achou monges que **siiam**¹² **lendo** (*Diálogos de São Gregório*, século XIV, *apud* SILVA, 2013, p. 142, grifos nossos).

O verbo *sedĕo*, *-es*, *-ĕre*, *sedi*, *sessum* significava originalmente “estar sentado” ou “estar situado”, e, durante a fase arcaica, ele se fundiu com *sum*, *es*, *esse*, *fui* para formar o hodierno verbo *ser*. No entanto, o processo de suplementação não estava de todo concluído na Idade Média, haja vista que o verbo *sedĕre* ainda se podia usar com o seu significado etimológico:

(5) - hũu homen que **siia** en sa pousada (*Diálogos de São Gregório*, século XIV, *apud* SILVA, 2013, p. 132, grifos nossos).

Por derradeiro, o verbo *estar*, do latim *sto*, *stas*, *stāre*, *steti*, *stātum*, significava originalmente “estar de pé” ou “estar fixado”. Na fase arcaica, ele chegou a manter o seu significado etimológico, mas já havia começado a incorporar à época certas funções do verbo *ser*, sobretudo na indicação de estados transitórios do sujeito, até incorporá-las em definitivo no século XVI (Silva, 2013, p. 151-152).

Conclusões

Longe de terem sido criações arbitrárias por parte dos gramáticos, as copiosas irregularidades flexionais do verbo *ser* se devem a duas razões precípua: a irregularidades herdadas do próprio latim e à fusão dos verbos *esse* e *sedĕre*, num processo de suplementação que só se concluiu nos séculos XV e XVI. Durante a Idade Média, vale lembrar, os radicais de ambos os verbos concorreram entre si até que apenas um deles sobressaísse em cada tempo verbal. No presente e no imperfeito do indicativo, prevaleceram as flexões de *esse*: *sou*, *és*, *é*, *era*, *eras*, *era*, *etc.* No pretérito perfeito do indicativo e nos tempos derivados dele, também prevaleceram as flexões de *esse*, que, nesse caso específico, tinha um radical anômalo *fu-* (> *fo-*

¹² *siiam* (< *sedĕbant*) era a variante imperfectiva de *eram*, que também podia formar perífrases de aspecto progressivo: *eram lendo*.

), decorrente de uma suplementação ocorrida em fases remotas do latim, daí: *fui, foste, fora, foras, fosse, fosses, for, fores, etc.* Porém, nos demais tempos verbais, no infinitivo e no gerúndio, prevaleceram as flexões de *sedere*: *seja, sejam, sê, sede, ser, sendo, serei, serás, seria, serias, etc.* O particípio passado *sido* (< *seúdo*) não é uma continuação histórica do particípio latino *sessum*, mas uma formação analógica calcada nos particípios regulares da segunda conjugação, antes findos em *-udo* e depois em *-ido*. Devido a essas remodelações internas e espontâneas do sistema linguístico, o verbo *ser* possui hoje radicais foneticamente muito distintos ao longo de sua conjugação: *sou, seja, era, fui, serei...* Por fim, do ponto de vista sintático e do semântico, nota-se que o verbo *ser* exercia outrora as funções hodiernas do verbo *estar*, seja como verbo de ligação para indicar estados transitórios (e.g. *som seguro*), seja como transitivo circunstancial para indicar a localização do sujeito (e.g. *son no outro mundo*), ou ainda como elemento auxiliar de perífrases verbais de gerúndio (e.g. *siiam lendo* ou *eram lendo*). A moderna distinção entre *ser* e *estar* firmou-se apenas no século XVI.

Referências

- ALGEO, J. *The origins of and development of the English language*. United States of America: Wadsworth, 2010.
- ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.
- BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica: história interna das línguas românicas*, vol. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- BYBEE, Joan. *Mudança linguística*. Tradução, apresentação e notas de Marcos Bagno. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011, 360 p.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- HARBERT, Wayne. *The Germanic Languages*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Tradução de Maria Manuela Gouveia Delille. Coimbra: Fundação Calouste Gulbekian, 1986.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *O infinito flexionado em português: estudo histórico-descritivo*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1968.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e morfologia)*. 5ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1956.

PIDAL, Menéndez. *Manual de Gramática Histórica Española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1985.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chielini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Caminhos da linguística histórica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.

VÄÄNÄNEN, Veikko. *Le latin vulgaire des inscriptions pompéiennes*. 3ª ed. Berlin: Akademie-Verlag, 1966.

Recebido em: 31/01/2025

Aceito em: 04/03/2025